

A Psique

Claudio C. Conti - ccont@bol.com.br - Rio de Janeiro/RJ

Sempre que buscamos compreender o comportamento humano, nos deparamos com a necessidade de entendimento da psique. O que seria a psique? Quais seriam seus mecanismos?

É certo que ainda estamos longe de um real entendimento de assunto tão complexo, contudo algumas ilações podem ser tiradas, baseado-se nas teorias acadêmicas existentes e em informações provindas dos espíritos responsáveis pela disseminação do conhecimento espírita.

Segundo a psicologia junguiana, a psique poderia ser dividida em duas partes: o consciente e o inconsciente; sendo que este último seria subdividido em duas outras partes: o inconsciente pessoal e o coletivo. Pode-se dizer que o consciente seria de acesso direto pelo espírito enquanto encarnado e em estado de vigília, isto é, o material que permearia o cérebro, tendo condições de ser reconhecido e analisado, podendo ser explicado e equacionado racionalmente pelo indivíduo, e no inconsciente pessoal estariam armazenados os acontecimentos que não permaneceram no consciente, e se localizaria abaixo deste.

A idéia de um inconsciente coletivo surgiu ao observar pacientes que apresentavam manifestações psíquicas correlacionadas com acontecimentos específicos ocorridos em épocas e locais diversos, além do conhecimento do indivíduo em questão. Tais fenômenos, sob uma ótica não reencarnacionista, somente poderiam conduzir à idéia de que a informação sobre todas as ocorrências da humanidade, em todos os tempos, seria passível de ser acessada.

Jung compara a psique humana com uma ilha cercada pelo oceano. A ilha representaria o consciente, enquanto que o oceano representaria o inconsciente¹. Deste ponto de vista, pode-se perceber que somos muito mais inconsciente do que consciente.

Se por um lado Jung define o inconsciente coletivo como de natureza universal², portanto comum a todos, por outro lado diz que, quando conscientizado, assumem matizes que variam de acordo com a consciência em que se manifesta³. Nota-se, portanto, a impossibilidade de se confirmar a equivalência dos arquétipos que se apresentam em diferentes pessoas.

A semelhança não significa igualdade. Experiências vivenciadas por duas ou mais pessoas diferentes serão, por si só, também diferentes. Assim, sob uma ótica reencarnacionista, é possível analisar a questão do arquétipo como não sendo influenciado pela consciência, como afirmou Jung, mas sendo realmente como surgem, diferindo as ocorrências vivenciadas pelos diferentes indivíduos em vidas anteriores. Contudo, espera-se que a repercussão no espírito de fatos passados dependerá de sua condição evolutiva no momento específico.

Esta forma de analisar apresenta a vantagem de fornecer uma explicação lógica para a existência e acesso aos arquétipos pelo indivíduo. Sendo possuidor da informação obscurecida no inconsciente que passa, através de mecanismos desconhecidos, pelo menos em parte, ao consciente.

Em suas próprias palavras Jung diz que:

“O inconsciente coletivo é tudo, menos um sistema pessoal encapsulado, é objetividade ampla como o mundo e aberta ao mundo. Eu sou o objeto de todos os sujeitos, numa total inversão de minha consciência habitual, em que sempre sou o sujeito que tem objetos. Lá eu estou na mais direta ligação com o mundo, de forma que facilmente esqueço quem sou na realidade. ‘Perdido em si mesmo’ é uma boa expressão para caracterizar este estado. Este si-mesmo, porém, é o mundo, ou melhor, um mundo, se uma consciência pudesse vê-lo. Por isso, devemos saber quem somos.”⁴

Percebe-se a profundidade com que Jung considera o inconsciente coletivo, pois, se fosse composto apenas de ocorrências que o indivíduo não tenha tido participação alguma, seria impróprio utilizar a expressão “perdido em si mesmo”, seria mais coerente dizer “perdido no inconsciente coletivo” ou algo semelhante, mas nunca na própria individualidade. Pode-se até

questionar esta abordagem dizendo que o “si-mesmo” é definido, no texto de Jung, com uma conotação de mundo, contudo, ele próprio diferencia, ou melhor, especifica que não se trata do mundo de forma ampla, mas, na realidade, um mundo em particular.

Libertando-se do que denominou de “consciência habitual”, esquece de si mesmo, isto é, do *eu pequeno*, individualidade temporária cuja existência está limitada entre o período de nascimento e morte, para entrar em comunhão com o *eu grande*, que pré-existe ao nascimento e sobrevive a morte, com a consciência plena. Em outras palavras, o inconsciente pessoal designaria todo conteúdo psíquico que já foi registrado pelo consciente em algum momento na presente existência, enquanto que o inconsciente coletivo designaria todo conteúdo que já tenha sido registrado em existências anteriores. O primeiro seria superficial, possível de retornar à consciência mais facilmente e com um sentido mais completo; o segundo seria mais profundo e, por esse motivo, de acesso mais difícil, e quando surge no consciente, é fragmentário.

Assim, todo conteúdo psíquico que não foi devidamente trabalhado pela psique, como contrariedades, medos, atos escusos, tendências negativas, etc., ficariam como que uvas passa dentro de um bolo (as uvas passa seriam os arquétipos enquanto que o bolo seria o inconsciente).

Esta forma de analisar o inconsciente não estaria tão em desacordo com as idéias de Jung, pois ele mesmo diz que “o que se segue à morte é de uma amplitude ilimitada, cheia de incertezas inauditas”⁵.

Esta idéia sobre o inconsciente coletivo junguiano é apresentada por Joanna de Ângelis⁶. Ela diz que “Atravessando os diferentes períodos da humanidade, nos quais estive, arquivou, nos recessos do ser, todas as impressões que ora se encontram adormecidas e podem ser exteriorizadas pelo perispírito”, e completa dizendo que “A visão espírita, porém, a respeito de um arquivo extracerebral, formado por uma *maquinaria energética* centrada no Self ou Espírito, cujo campo de informações é infinito...” (grifo nosso)

Por esta última afirmação, e para efeito de comparação, podemos apresentar a psique como um campo de energia, que seria a massa do bolo mencionado anteriormente. Contudo, ainda resta interpretar, também comparativamente ao que se conhece, o seu conteúdo, os arquétipos, que seriam as uvas passa do nosso bolo.

Em outras palavras, podemos imaginar a psique como uma esfera energética formada pelas aquisições do espírito ao longo de sua existência, caracterizando, assim, sua individualidade. Esta esfera seria de dimensão equivalente ao nível evolutivo e nela existiriam alguns pontos que causariam perturbação no campo. Estes pontos seriam devido às más tendências e ações em desacordo com as leis Divinas, e que, como perturbam o campo, promovem um desequilíbrio.

Por isso, os arquétipos existem enquanto forma e não como conteúdo, como afirma Jung⁷, pois não são os erros que são registrados, mas as desarmonias que causam. Portanto, quando o efeito de algum destes pontos se faz presente, se apresentará conforme o estado da consciência.

Uma questão de difícil compreensão é o comportamento dos arquétipos, pois, embora tenham sua origem na própria psique e permanecem como parte integrante desta, apresentam como que uma ação autônoma, como se tivesse vida própria.

Ao tentarmos compreender a interferência dos arquétipos no campo energético da psique e calcados na própria idéia de Jung de que, embora não fosse possível a comprovação, a energia psíquica estaria ligada a processos físicos⁸, nos lembramos dos fenômenos de supercondutividade, mais precisamente na perturbação causada no campo magnético.

Primeiramente é preciso esclarecer uma importante propriedade de um campo magnético, que é sua capacidade de permear os materiais que estão ao seu alcance. Isto é demonstrado por uma brincadeira muito comum na infância que consta em colocar um alfinete, ou uma pequena peça metálica, sobre uma folha de papel e movimentar um ímã sob esta folha, observando, assim, a peça seguir os movimentos do ímã. Neste exemplo, percebe-se que o campo magnético não sofreu nenhuma alteração devido a presença do papel.

Quando um material supercondutor é introduzido em um campo magnético, primeiramente, o comportamento é similar ao descrito com a folha de papel, como está representado na Figura 1. Porém, quando o material é resfriado a temperaturas abaixo de um limite crítico, que dependerá do material utilizado, surgirá uma supercorrente no material supercondutor que será capaz de cancelar o campo em seu interior, onde o valor do campo magnético será nulo. Neste ponto haverá uma perturbação no campo e existirá independentemente deste, como apresentado na Figura 2.

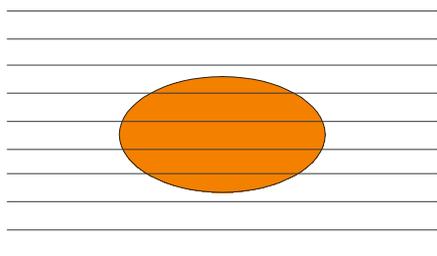


Figura 1. Campo magnético sem apresentar alteração e material supercondutor sem estar resfriado.

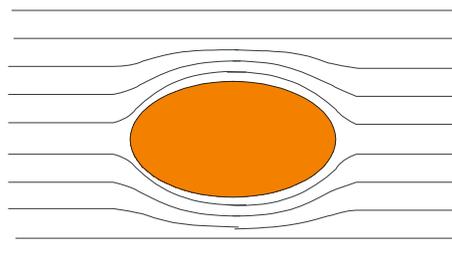


Figura 2. Campo magnético alterado pela presença de um material supercondutor resfriado.

Analogamente poderíamos compreender a psique.

Quando em estado de harmonia, como no caso dos espíritos evoluídos, o campo energético estará completamente homogêneo, onde todas as experiências negativas já se encontram inteiramente depuradas, embora a lembrança permaneça, não são mais motivos de aflições, pois estaria em equilíbrio com o campo. É o que ocorre quando introduzimos, no campo magnético, a folha de papel ou o material supercondutor antes de resfriá-lo.

Porém, na condição de espírito não muito evoluído, as experiências negativas e, conseqüentemente, os sentimentos menos nobres, ainda se encontram ativos na psique, apresentando um comportamento análogo ao material supercondutor após o resfriamento, formando pontos de perturbação no campo energético que existirá, como já dissemos, independente deste.

Esta independência, ou melhor, pseudo independência, é que torna tão difícil de se combater as aflições morais e, embora se deseje eliminar as más tendências, elas teimam em permanecer, necessitando de grande esforço pessoal para que, gradativamente, diminuam de intensidade até que desapareçam por completo. O trabalho é lento e gradativo porque, embora façam parte da psique, pois foram inicialmente geradas por esta, permanecem como nódulos e possuem uma energia própria que necessita ser dissolvida no campo maior que a engloba, o que seria o equivalente ao aquecimento do supercondutor para que o campo retorne ao estado normal.

Bibliografia

- [1] Jung, C. G.; Psicologia e Religião; 6ª edição, Editora Vozes, 1999, pg 89.
- [2] Jung, C. G.; Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo; 2ª edição, Editora Vozes, 2002, pg 15.
- [3] Idem, pg 17.
- [4] Idem, pg 32.
- [5] Idem, pg 31.
- [6] Joanna de Ângelis (Psicografia de Divaldo Franco); Triunfo Pessoal; 1ª edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2002, pg 23.
- [7] Jung, C. G.; Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo; 2ª edição, Editora Vozes, 2002, pg 91.
- [8] Jung, C. G.; A Energia Psíquica; 7ª edição, Editora Vozes, 1999, pg 6.